



**Instituto de Letras**

**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

**Licenciatura em Letras/Português**

**Monografia em Literatura**

**HÉVILA MAYLLEN RODRIGUES**

13/0028029

**A RECEPÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO PSICANALÍTICA DA  
OBRA LOLITA, SEGUNDO FREUD E BATAILLE, E O SEU  
CUNHO ERÓTICO, PERVERSO E HIPERSSEXUALIZADO**

<b>MENÇÃO</b>	
---------------	--

**CÍNTIA SCHWANTES**

Brasília- DF

2/2016



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Letras**

**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

**Monografia em Literatura**

**A recepção e a desconstrução psicanalítica da obra Lolita, segundo Freud e Bataille, e o seu cunho erótico, perverso e hiperssexualizado.**

Hévila Mayllen Rodrigues

Brasília

2016

Hévila Mayllen Rodrigues 13/0028029

**A recepção e a desconstrução psicanalítica da obra Lolita, segundo Freud e Bataille, e o seu cunho erótico, perverso e hipersexualizado.**

Monografia apresentada ao curso de Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Português, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cíntia Schwantes.

Brasília, DF

2º/2016

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha família, em especial, aos protagonistas da minha história:  
Meus avós.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço, primeiramente, a Deus. Pela graça de, todos os dias, dar-me uma segunda chance a cada respirar. Pelo conforto, pelo renovo, pelo refrigério e pela calma que tem me presenteado no decorrer não só desse trabalho monográfico, mas durante toda a minha vida. Agradeço pelo socorro na hora da angústia e pelo apoio quando tudo parecia não ter saída.

À minha família pelo apoio emocional – e financeiro - e por nunca terem desistido de mim. À minha mãe, pelo amor, pela amizade, pela confiança e pelo cuidado diário – você é meu espelho. Ao meu irmão, dono do maior coração e do maior senso crítico que eu conheço - tenho orgulho do homem que você se tornou. Aos meus tios, por fazerem papéis de pais - muitas vezes. Em particular aos meus avós, que são donos do meu coração – eu não sou nada sem vocês.

Aos meus amigos que me ajudaram e que estiverem comigo nessa longa caminhada, minimizando as dores causadas pelos quatro anos intensos de elucubração educacional.

À minha orientadora Cíntia Schwantes pelo cuidado e paciência. Deixo, além da minha eterna gratidão, uma imensa admiração.

*O homem é dono do que cala e escravo do que fala*  
**Sigmund Freud**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Lolita* de Vladimir Nabokov de acordo com a estética da recepção. Buscaremos compreender, também, os aspectos sociológicos nela abordados, tratando assuntos como o sexismo e a erotização/objetificação/hiperssexualização da mulher. A partir desse corpus, analisaremos com um aporte psicanalítico, as ações do protagonista seguindo a gênese da consciência moral em Freud e a perversão segundo Bataille, buscando compreender e explicar as razões de seus atos em contraposição às ideias contemporâneas difundidas.

Palavras-chaves: Lolita, estética da recepção, estudos de gênero, erotização da mulher, consciência moral.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the novel *Lolita* by Vladimir Nabokov according to the reception aesthetics. We aim to understand, also, the sociological aspects entailed in it, approaching matters as sexism and the erotization/objectification/hipersexualization of women. We will analyze the chosen corpus from the perspective of psychoanalysis, the actions of the protagonist according to the genesis of moral consciousness as described by Freud and perversion, by Bataille, aiming to understand and explain the reasons of his actions as counterpointed to the reactions steamed by contemporaries.

**Key words:** *Lolita*, reception aesthetics, gender studies, erotization of women, moral consciousness.

## Sumário

1. Introdução.....	10
2. A estética da recepção .....	14
2.1. A recepção da obra Lolita. ....	14
2.2. A adaptação de Lolita para o cinema: Stanley Kubrick, em 1962, e a sua recepção pelo público e pela crítica. ....	16
2.3 A adaptação de Lolita para o cinema: Adrian Lyne, em 1997, e a sua recepção pelo público e pela crítica.....	18
3.0 A consciência moral e a perversão .....	20
3.1 A psicanálise e a consciência moral de Freud .....	20
3.2 A transgressão de Georges Bataille.....	25
3.3 A perversão de Nabokov: <i>Speak memory</i> e <i>Lolita</i> .....	28
4.0 O julgamento de Humbert e a bandeira levantada em prol do feminismo ..	30
4.1 Lolita e o empoderamento feminino. ....	32
5.0 Considerações finais .....	34
6.0 Anexos .....	37
7.0 Bibliografia.....	41

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a instauração do patriarcado, a mulher foi designada para servir e ser submissa ao homem. No âmbito cristão, Deus, no sexto dia, criou o homem:

21 Então, o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. 22 E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão “. (Gênesis, Bíblia Sagrada).

A desigualdade entre os gêneros se expressa quando a mulher é forjada e moldada, da costela de um homem, e tem como o seu principal dever ser companhia e não ter um papel de protagonista na história judaico-cristã. No desenrolar do mesmo livro de *Gênesis*, vê-se claramente a mulher, depois de ter comido a fruta proibida, sendo castigada, juntamente com seu companheiro, porém, levando esta a culpa pela expulsão do paraíso e pelos castigos sofridos pela humanidade. Esses ensinamentos, passados de geração em geração, criaram uma cultura sexista e patriarcal, além de criar disputa de poder nas relações entre homem e mulher. Como foi essa a ideia difundida, algumas culturas – como a ocidental – caracterizaram o gênero feminino como motivo de pecado e de corrupção masculina:

Assim, a mulher veio cumprir seu papel de companheira, de alento para os dias difíceis do homem; já nasceu dependente dele, veio da sua costela não como sujeito individual que pudesse ter ideias próprias, decidir, ser autônoma, mas com a doçura e a candura de quem está pronta para servir ao seu senhor. (LOPES, 2010, p.98)

Durante muitos anos, a figura feminina foi vista como o sexo frágil, e por conta disso, a mulher desempenhava funções diferentes às masculinas. Ou seja, os papéis sociais dos homens e das mulheres na sociedade eram díspares. A sociologia caracteriza as questões de gênero como sendo ligadas diretamente às relações sociais e aos papéis sociais desempenhados conforme o sexo do indivíduo. Sendo assim, todas as vezes que o gênero foi ligado ao aspecto biológico, havia

alguma convenção social para deslegitimar ou diminuir as atribuições femininas por conta da fragilidade e de uma pretensa total dependência ao sexo oposto.

A mudança do status quo é um fato inerente às sociedades e culturas. Sendo assim, não poderia ser diferente a forma como a mulher é e já foi vista nas relações que vigoram no cotidiano em um meio coletivo. Com a entrada no mercado de trabalho, no sec. XX, a mulher passa a não ser apenas o objeto de uso do patriarcado para ser uma agente direta dessas relações, passa a ser autônoma e competir por seu espaço no mercado de trabalho, passa a ter o seus direitos em igualdade com os dos homens. No entanto, essa mudança é gradual e exposta a diversos retrocessos. A exemplo podemos citar a garantia do direito ao voto feminino na constituição de 1934, mas a proibição do divórcio, anos depois, na Carta Magna de 1946. O processo de ascensão de um grupo oprimido é lento e dificultoso, mas conta com os passos largos da caminhada do progresso.

Como consequência da objetificação da mulher, teremos uma erotização e hiperssexualização de seus corpos. Esse comportamento sexista recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, sempre colocando os interesses dos homens acima dos interesses do gênero feminino. Essa ideologia sexista não está somente enraizada nos aspectos sociais, mas também nos econômicos e políticos.

É importante fazer essa breve revisão da história no que se diz respeito à identidade da mulher antes de analisar a obra de Vladimir Vladimirovich Nabokov, *Lolita*. Apesar de Nabokov ser um escritor russo, a obra em questão foi escrita em inglês, porém, em grande parte do desenrolar do enredo, Vladimir faz uso de expressões francesas. O romance conta a história de um professor universitário chamado Humbert Humbert, que se encontra envolvido sentimental – e sexualmente – com uma menina – ou como ele mesmo chama - ninfeta – de 12 anos. A narrativa vista na obra de Nabokov foi alvo de muitas críticas, afinal, toda a ótica do romance era feita pelo relato de Humbert, que, como veremos ao longo do trabalho monográfico, é um narrador não confiável. Pelo fato de Humbert dar seguimento à história da forma com que lhe agrada e/ou beneficia, a recepção dessas informações

por parte dos leitores, em um primeiro momento, é de, verdadeiramente, um homem apaixonado e que comete loucuras em nome do amor.

No entanto, Humbert Humbert, além de ser um narrador não confiável, é um perverso. A perversão é mostrada em todo o romance, em cada ato e pensamento. O narrador faz uso do erotismo na grande maioria das passagens da obra. Ou seja, o narrador, além de não ser confiável, é perverso e pedófilo. Bataille diz que todo erotismo é perverso, e na obra de Nabokov vemos essa perversão – não somente no pensar, mas no agir. A partir de uma análise psicanalítica, e seguindo a consciência moral de Freud, traçaremos uma linha de pensamento para entender a psique do narrador e também a de Nabokov – trazendo um aporte da sua autobiografia *Speak, memory: De minha parte, eu era tão ingênuo como só um pervertido pode ser.* (Nabokov, 1994b, p. 31).

O papel da mulher no mundo moderno e o tema feminismo é algo decorrente e bastante difundido e comercializado/politizado, sendo altamente abordado e moldado no século XXI. O feminismo, que toma parte importante nesse fenômeno, é um movimento múltiplo e de constância que tem a finalidade de defender o gênero feminino, já o machismo é um movimento que deslegitima a figura feminina com o intuito de manter privilégios de gênero para os homens.

O feminismo e, principalmente, o papel da mulher na sociedade juntamente com suas vontades e direitos, é altamente relevante nesse trabalho monográfico, pois trabalharemos com uma figura feminina presa em um ambiente patriarcal e sexista tendo como injunção as vontades de um homem. *Lolita* é, infelizmente, a representação de muitas mulheres – e crianças – no Brasil e no mundo. Essa obra deve ser tratada e analisada como um romance - em sua estrutura – e como uma obra contemporânea, afinal, mostra a realidade de uma cultura cruel, sexista, patriarcal e, também, relata a cultura do estupro – tema que tem se colocado como uma das principais preocupações do século XXI.

O objetivo do trabalho é analisar a obra *Lolita* utilizando-se de uma visão psicanalítica para tentar entender as razões dos atos do protagonista e narrador da história. A base teórica será a estética da recepção, juntamente com a psicanálise e

os estudos de gênero. O presente trabalho também tem como objetivo estudar como se dá a erotização e a hiperssexualização presentes na obra.

O *corpus* dessa análise é composto pela obra de Vladimir Nabokov, *Lolita*. Utilizei, aqui, as duas versões: a original – lançada em inglês – e a sua versão traduzida para o português. Serão analisadas também, as duas adaptações cinematográficas da mesma obra a fim de buscar as interpretações e recepções dessas obras ao longo de décadas. Outra obra também utilizada aqui será *Speak, memory* – também de Nabokov. Essa última obra será trabalhada a fim de trazer subsídios à análise do romance. Intentaremos, utilizando autores como Bataille e Freud, alcançar a consciência moral do narrador.

## 2. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A presença do narrador é, entretanto, marcada pela mediação que este proporciona ao espectador, em outras palavras: sua força retórica é estar em sintonia com os espectadores como polo mediador. (XAVIER, 2006, p. 142).

A Estética da Recepção analisa a literatura numa relação entre obra, autor e leitor. Ou seja, são observados aspectos de produção, recepção e comunicação. Assim, essa estética trabalha com uma dimensão não somente mostrada pelo autor/narrador, mas estabelece uma dimensão histórica. Com isso, o receptor da obra terá dois campos de propagação de pensamento: a mostrada pela obra e a projetada por ele próprio. Essa teoria trabalha não somente na dimensão histórica, mas social e cultural.

### 2.1 A recepção da obra *Lolita*.

Vladimir Nabokov finalizou o romance *Lolita* no ano de 1953, 5 anos após começar a trabalhar na obra. A sua produção só foi publicada no ano de 1955, 2 anos após o sua finalização. Nabokov, por conta do enredo da obra, visava publicá-la anonimamente. Seu manuscrito foi recusado por diversas editoras, que chegaram a tratar sua criação como lixo pornográfico.<sup>1</sup> No ano de 1955, Nabokov enfim assinou um contrato com a produtora Olympia e publicou seu manuscrito sob seu próprio nome.

Embora todos os exemplares de *Lolita* tenham se esgotado e apesar do livro ter ficado na lista dos 5 melhores romances do ano de 1955, a recepção do romance pelos críticos não foi positiva. O editor John Gordon concluiu que o romance de

---

<sup>1</sup> (Boyd 1991, p. 266 Maurice Girodias da Olympia Press).

Nabokov teria sido "o mais imundo livro que eu já tenha lido" e "pura pornografia desenfreada". Por conta de toda a repercussão, todas as cópias do romance foram apreendidas no Reino Unido e durante dois anos a obra foi banida.

Lionel Trilling, um dos críticos, defendeu que "Lolita é sobre amor. Quase cada página expõe uma emoção erótica explícita e ainda assim é sobre amor". Essa é a grande questão da recepção da obra: Tratar uma vítima de pedofilia como um símbolo sexual e defender toda essa história utilizando-se de um único fator preponderante, o amor.

Ao ler o manuscrito de Nabokov, sinto-me tão submissa a Humbert quanto Dolores. Pelo fato da obra ser narrada por Humbert, e por conta de ele ser um narrador não confiável, todos os seus pensamentos e atos são forjados e moldados para que venhamos a aceitar ou, pelo menos, entender suas ações. A narrativa é tendenciosa e não nos proporciona uma clareza sobre as vontades de Dolores – ou Lolita.

Apesar de Lolita dar título à obra de Nabokov, não podemos trata-la como personagem principal na narrativa. A história é sobre a paixão e o desejo de Humbert pela ninfeta. O foco não é Lolita, o foco é a paixão e o interesse que ela desperta. A sexualidade do narrador é mais significativa que os próprios desejos de Lolita.

Fato é, o romance de Nabokov causou grande conflito de opiniões desde a sua publicação. Com a visibilidade que os problemas atinentes à pornografia infantil ganhou (causada em parte pela disseminação de vídeos na internet e pelo problema do tráfico de pessoas), a obra causou ainda mais impacto e controvérsia: Uns afirmando que ela seria sobre amor, outros, afirmando que a obra tratava de abuso, anulando, assim, qualquer relação de amor entre os personagens.

## **2.2 A adaptação de Lolita para o cinema: Stanley Kubrick, em 1962, e a sua recepção pelo público e pela crítica.**

Nabokov, quando publicou *Lolita*, em 1955 chocou a sociedade com o enredo onde narra a história de um professor universitário que se envolve sexualmente com uma menina de 12 anos. Além do caso de pedofilia, Nabokov escandalizou, ainda mais, tratando, não somente, desse crime, como também, associando-o ao incesto. É certo que Humbert, o narrador personagem, não era, legitimamente, pai de Dolores, porém, com a morte de Charlotte Haze – mãe de Dolores e esposa de Humbert –, ele ficou, judicialmente, responsável pela garota. O enredo da história é mais complexo, porém, nesse primeiro momento, e para entendermos as duas adaptações cinematográficas, por ora, é o necessário.

Por conta da grande visibilidade do romance de Nabokov, Stanley Kubrick, em 1962, produziu a primeira adaptação cinematográfica para *Lolita*. A obra foi bastante falada e altamente criticada, afinal, a atriz escolhida para dar vida à personagem principal do romance de Nabokov, Sue Lyon, tinha apenas 16 anos quando começaram as filmagens. Kubrick chegou a ser advertido sobre o perigo de ter problemas com a censura americana ao usar uma atriz menor de idade para interpretar uma garota de 12 anos sexualmente ativa, mas apesar do risco de censura, o diretor decidiu continuar com Lyon para interpretar Lolita.

Por já estar usando, em sua adaptação, uma atriz menor de idade para interpretar uma criança sexualmente ativa, Kubrick, preocupado com a censura, decidiu produzir sua cinematografia de forma a moderar as práticas sexuais deixando que o seu público tivesse a sua própria interpretação dos fatos. Kubrick confessou, mais tarde, que por conta da pressão da censura, não foi capaz de dramatizar suficientemente a obra de Nabokov, deixando o erotismo do romance, não em segundo plano, mas fazendo com que ele não existisse em toda a sua produção. Kubrick, ainda, confessou que se tivesse percebido a dificuldade de passar pelo controle censório, não teria feito o filme. Afinal, por conta de todo esse controle e cuidado para sua obra não ser barrada pela censura, Kubrick modificou, severamente, o original de Nabokov.

São muitas as diferenças vistas entre o romance de Nabokov e a adaptação de 1962. A maior delas, a forma como o filme trata a relação sexual de Dolores e Humbert. Outra diferença notável foi a elevação da idade – de 12 para 14 anos – da personagem de Lolita para que o filme passasse pelo controle e padrões da época. O personagem de Humbert do filme e o do romance, também parecem não se encontrar, afinal, na adaptação de Kubrick, o personagem de Humbert passa uma imagem carismática e dignificada, o que dá margem a interpretações que na obra de Nabokov ficam mais restritas à leitura de entrelinhas. Outro fato interessante é a omissão do primeiro amor de Humbert em sua adolescência, bastante trabalhado e abordado como sendo de suma importância para a análise psicológica do personagem – o que veremos ao longo do trabalho.

Embora a primeira adaptação da obra para o cinema pecasse no que se refere a respeitar o romance original, ela contou, em um primeiro momento, com a aprovação de Nabokov. Todavia, em uma entrevista, Nabokov admitiu ter rejeitado parte da adaptação feita por Kubrick. Apesar de o filme modificar o texto original, os críticos de cinema aprovaram a adaptação e afirmaram que a obra consegue sustentar a essência tratada no romance. Muitos até sugeriram que *Lolita*, por um tempo, ficou sendo mais de Kubrick que do próprio Nabokov, afinal, sem o lançamento do filme, quatro anos depois da publicação do romance, a repercussão de *Lolita* teria sido inferior ao que realmente foi. Infelizmente, já que, como já foi dito, a obra mastiga grande parte do romance original. Porém, afortunadamente, a adaptação foi utilizada como objeto publicitário.

A recepção da adaptação por parte dos críticos foi positiva. O filme foi mundialmente elogiado, e, apesar de contar uma nova adaptação da obra, ainda possui uma favorável recepção ao longo dos anos. A recepção da obra não conteve muitas críticas negativas pelo fato de ter mascarado e minimizado a obra original de Nabokov, assim, passando com louvores pelos críticos.

### **2.3 A adaptação de Lolita para o cinema: Adrian Lyne, em 1997, e a sua recepção pelo público e pela crítica.**

Se na adaptação de 1962, o diretor Kubrick fugiu um pouco do roteiro da obra de Nabokov, a adaptação de Lyne ficou quase que fiel ao original. Um dos motivos pelos quais essa nova adaptação conseguiu um maior aproveitamento das ideias passadas por Nabokov foi a maior liberdade de produção. Nos anos 60, assuntos como sexualidade e erotismo eram mais restritos. Na década de 90, Lyne conseguiu uma maior autonomia para tratar e moldar a obra de acordo com o original.

Lyne moldou seus personagens respeitando as características tiradas por ele da obra em questão. Por conta disso, Lyne montou um roteiro perturbador, obedecendo aos relatos e as passagens do romance. Na nova adaptação, vê-se, claramente, cenas de sexo, a perversão do personagem de Humbert, a consciência perturbadora do personagem, o amor doentio – o que na adaptação de 1962 é tratado com uma certa carga humorística, aqui é tratado como patologia, mesmo que não mostrado diretamente.

A narrativa, desde sua gênese, segue um ritmo pesado e perturbador, assim como ocorre durante a leitura do romance de Nabokov. Porém, nesse caso, Lyne trata Dolores – ou Lolita, verdadeiramente, como ninfeta, tirando, totalmente, o peso da ingenuidade e fazendo com que, aos poucos, esqueçamos que a pequena garota tem 12 anos. Esse jogo de Lyne faz com que a narrativa fique ainda mais perturbadora, afinal, vê-se o corpo de uma criança vagando entre atitudes infantis e adultas. Apesar dessa incoerência nas atitudes de Lolita, em sua grande maioria, incluindo a primeira cena de seu aparecimento, Lyne trata Lolita como mulher. Logo no início do filme, Lolita aparece deitada sobre a grama, molhada, usando um vestido branco – agora transparente pela água -, lendo uma revista. A câmera escorrega por todo o seu corpo, mostrando desde já a hiperssexualização no corpo de Lolita. Essa visão erótica e hiperssexualizada é mostrada constantemente no decorrer de toda a narrativa.

Apesar de não ter as mesmas restrições que a adaptação de Kubrick, Lyne não foi totalmente fiel ao romance de Nabokov. O personagem de Humbert, apesar

de visivelmente inconstante e perturbado em algumas partes do enredo, na grande maioria da obra, passa um imagem de calmo, cauteloso, preocupado e compreensivo. No romance de Nabokov, Humbert, por meio de promessas e ameaças, consegue fazer com que Lolita aceite, mesmo que contra a sua vontade, realizar os seus desejos. Na obra de Lyne, vemos um homem investido em respeitar o desejo de Lolita. Vê-se, claramente, em toda a narrativa, uma tentativa de persuadir ou influenciar o receptor a observar perversão não em Humbert, mas em Lolita. O personagem de Humbert na obra de Lyne parece-me ser submisso e influenciado por Lolita. O que nos faz entender que todos os atos de Humbert são motivados pelas investidas de Dolores, não por conta de uma consciência moral falha e uma perversão altamente doentia.

Esse comportamento adulto de Lolita, embora possua apenas 12 anos, faz com que o público tenha mais estima pelo personagem de Humbert. Lyne parece não se preocupar em dar destaque ao fato de Humbert ser pedófilo, afinal, todas as vezes que a palavra perversão é utilizada na narrativa, a cena é seguida por risos e brincadeiras dos personagens, trazendo oscilações comportamentais da garota. Vejamos algumas das críticas que essa adaptação recebeu:

Lolita não é um filme de sexo; é sobre personagens, relacionamentos, e as consequências de imprudentes ações. E aqueles que procuram marcar o filme como imoral têm perdido o ponto. Ambos Humbert e Lolita são eventualmente destruídos—o que poderia ser mais moral? A única real controvérsia que eu posso ver em torno deste filme é se que alguma vez houve uma controvérsia em primeiro lugar.<sup>2</sup>

Rico além que qualquer um poderia ter esperado, o filme reembolsa repetidas visões... Isso torna a loucura de Humbert em arte.<sup>3</sup>

I have no intention to glorify Humbert, He is horrible, he is abject. He is a shining example of moral leprosy. <sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Berardinelli, James (1999-01-29). «*Lolita (1997): A Film Review by James Berardinelli*». ReelViews [S.l.: s.n.]

<sup>3</sup> «Television Review: Revisiting a Dangerous Obsession». *The New York Times* [S.l.: s.n.] 1998-07-31.

A recepção da obra de Lyne já mostrou mais a cultura e os ideais vistos na década de 90. Apesar de ter produzido uma obra mais fidelizada que a de 62, Lyne recebeu críticas variadas. Aqui, já mostra um Humbert, ainda que introvertido, mais perverso. Dr. John Ray Jr já consegue tratar e observar a imoralidade e o horror dos atos ali relatados. A adaptação de Lyne trouxe um maior espanto e, por isso, maiores críticas negativas. Apesar de uma obra bem escrita e bem roteirizada, foi recebida com um grande peso e transtorno pelo público, afinal, percebia-se, mesmo que não fosse essa a imagem retratada no filme, um personagem principal doente e uma criança subordinada às vontades desse personagem.

### 3. A consciência moral e a perversão

Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si insuficiente para mostrar quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura. (Freud, 1905, p.163)

Casos em que pessoas sexualmente imaturas (crianças) são escolhidas como objetos sexuais, são imediatamente considerados aberrações esporádicas. É só excepcionalmente que as crianças constituem objetos sexuais exclusivos. Desempenham esse papel, geralmente, quando se trata de um indivíduo covarde ou que ficou impotente, que as adota como substituto, ou quando uma pulsão urgente (que não pode ser adiada) não pode se apoderar de qualquer objeto mais apropriado. (Freud, 1905, p.149)

Nesse capítulo, exporemos os conceitos de sexualidade, perversão e consciência moral, como definidos por Freud e Bataille, com vistas a analisar o romance *Lolita*, de Nabokov.

#### 3.1 A psicanálise e a consciência moral de Freud

A psicanálise é um campo da medicina que estuda a psique. É um estudo que tem como uma de suas funções o entendimento da ética e da moralidade humana. A

---

<sup>4</sup> «Television Review: Revisiting a Dangerous Obsession». *The New York Times* [S.l.: s.n.] 1998-07-31.

psicanálise foi desenvolvida por Sigmund Freud e, segundo ele, é um procedimento para a investigação de processos mentais que são incapazes de serem observados por qualquer outro método. Para bem analisarmos nosso corpus, é importante, aqui, estabelecermos alguns dos conceitos-chaves da psicanálise. São, basicamente, dois fundamentos. 1) Os processos psíquicos são inconsequentes, em sua grande maioria, e a nossa consciência é apenas uma fração do nosso psíquico total. 2) esses processos são perpassados por tendências sexuais.

Freud tenta entender e explicar a mente humana tendo como base essas tendências sexuais, as quais chamou de Libido. Desse modo, Freud entende que as ocorrências da mente humana são divergências entre a moral imposta pela sociedade e os desejos sexuais intrínsecos. Com o intuito de reprimir esses desejos, o indivíduo pratica o ato do sonhar que é, segundo Freud, a representação dos desejos sufocados pela moral. Assim, podemos ver, logo nas primeiras partes da obra de Nabokov, que Humbert Humbert, não podendo possuir Lolita, faz, de cada pequeno momento com ela, uma distorção de acontecimentos para que possa chegar ao ápice do prazer. Na primeira experiência sexual de H.H com Lolita, o narrador, o próprio Humbert, descreve a cena e pede para que o leitor também participe dela – como se não fosse desgastante o suficiente apenas lê-la. E, mais do que isso, pede que analisemos o quão casta a cena que ele descreve fora. Dessa forma, ele faz com que o seu público, que ele intitula como júri, mesmo que indiretamente, considere como adequados os seus atos.

A essa altura eu me encontrava num estado de excitação que beirava a insanidade, mas possuía também a astúcia dos loucos. Sentado ainda no sofá, consegui harmonizar, por meio de uma série de movimentos furtivos, minha recôndita lascívia com suas pernas inocentes. Não era fácil desviar a atenção da menina enquanto executava os obscuros ajustes necessários ao êxito de minha manobra. Falando depressa, ficando para trás de meu próprio fôlego, alcançando-o de novo, macaqueando uma repentina dor de dente para explicar as interrupções na arenga - ao mesmo tempo que meu olhar interior, com maníaca determinação, jamais se afastava de seu distante e luminoso objetivo -, cautelosamente aumentei a fricção mágica que pouco a pouco ia dissolvendo (num sentido alucinatório, se não factual) a textura fisicamente irremovível mas psicologicamente bastante friável do obstáculo (pijama e robe) que se interpunha entre o peso de duas pernas bronzeadas de sol, atravessadas sobre meu colo, e o tumor oculto de uma terrível paixão. (Nabokov, Lolita, 2003 pg. 60 e 61).

Nesse primeiro momento, Humbert, apesar de desejar que o leitor veja prudência em seus atos, assume que seus instintos beiravam a insanidade. Humbert encontrara em um momento cotidiano – Lolita lendo uma revista deitada no sofá – uma possibilidade de materializar os seus desejos carnis. A cena termina com H.H chegando ao líquido espirituoso. No momento seguinte, Humbert narra a felicidade com que fora o dia sucessivo ao acontecido e o quanto ele sentia-se bem por não ter tirado a pureza de Lolita, afinal, o momento que teve com Lolita, apesar da presença da menina, acontecera apenas em sua mente. Ou seja, o gozo de H.H aconteceu em decorrência dos sonhos e dos próprios desejos reprimidos, fazendo com que Humbert criasse uma cena em sua própria mente e, com isso, conseguisse alcançar o que almejava.

Estava orgulhoso de mim mesmo. Provara o mel de um espasmo sem comprometer as virtudes de uma menor. Não lhe causara nenhum dano. O prestigiador despejara leite, melaço e champanhe espumante na bolsa branca de uma donzela – e eis que a bolsa estava intacta. Eu havia deliberadamente dado vazão ao meu sonho ignóbil, ardente e pecaminoso, mas Lolita estava sã e salva – e eu também. (Nabokov, *Lolita*, 2003 pg. 64).

Humbert, como já havia dito Freud, fez uso de uma manipulação de espectro que já existia em seus reprimidos sonhos, para montar a cena. Se H.H houvesse consumado, de fato, o ato, a sua ação não teria um impacto somente na pessoa de Lolita, mas na dele também, por conta disso ele fala – *mas Lolita estava sã e salva – e eu também*. Esse pensamento demonstra que um dos seus medos era realmente a moral social que ele estava infringindo naquele instante.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, no capítulo “As aberrações sexuais”, Freud mostra as perversões como atividades sexuais que se limitam – ou não – às regiões genitais do corpo, ou se demoram de modo exagerado em fases preliminares da relação sexual que deveriam ser ultrapassadas a fim de se atingir o objetivo final. Nessa primeira cena sexual de Humbert e Lolita, acontecera essa perversão, já que, H.H não chegou ao lugar da cópula, porém, fez uso de sua mente – e dos seus desejos reprimidos – para a visualização e a exagerada demora nas fases iniciais dessa relação para conseguir chegar ao gozo.

O mais vago de meus sonhos polutivos era mil vezes mais deslumbrante do que todo o adultério que o mais viril e genial escritor ou o impotente mais talentoso poderia imaginar. Meu mundo estava dividido. (Nabokov, *Lolita*, 2003 pg. 18).

A escrita de Nabokov é dotada de muitos rodeios, sem contar a sua estilística que é composta por muitos dados criptografados, dualidade de linguagens e rebuscamento. Com *Lolita* não foi diferente. A grande parte da primeira metade da obra são apenas relatos passados, muitas descrições minuciosas e uma agoniante demora para iniciar, de fato, os relatos presentes. As primeiras páginas do livro são escritas como se ele estivesse realmente em um júri e ele as usa para se defender e conduzir a opinião do seu leitor. Ele retrata em seus relatos grandes personagens importantes que, de um modo ou outro, foram levados a praticar o mesmo ato que ele. Assim, antes que *Lolita* entre na história, Humbert – e Nabokov – já haviam inserido uma determinada atmosfera ao leitor.

Beatriz tinha nove anos, quando fez palpar o coração de Dante; Laura tinha apenas doze anos (como *Lolita*), quando inspirou a Petrarca um dos seus mais belos sonetos. Os célebres amantes Romeu e Julieta, da tragédia shakespeariana, não fogem a essa estranha condição: a bela Capuleto não tinha mais de treze anos quando se entregou ao amante proibido. Edgard Allan Poe já era maduro quando se casou com uma menina de quatorze. (Silveira, 1970, Aba 1 do livro *Lolita*)

Nabokov introduz seu livro trazendo um Humbert jovem e apaixonado por Annabel, ambos com 13 anos de idade. Annabel foi o primeiro amor de Humbert, e , segundo o próprio H.H, não existiria *Lolita* se, anteriormente, não tivesse existido uma Annabel. Naquele mesmo ano, 1923 precisamente, Humbert perdeu sua amada para uma doença. A partir daquele momento, H.H procurou sua amada em todas as outras mulheres com que se envolveu, até, por fim, encontra-la em *Lolita*.

Quando tento analisar minhas ânsias, meus atos e motivos, entrego-me a uma espécie de devaneio retrospectivo do qual brota uma infinidade de alternativas, fazendo com que cada caminho visualizado se bifurque sem cessar na paisagem alucinadamente complexa de meu passado. Porém, tenho como certo que, de alguma forma mágica e fatal, *Lolita* começou com Annabel. (Nabokov, *Lolita*, 2003 pg. 15).

Freud, buscando explicar a perversão e como se desenvolve na consciência humana, assumiu que ela acontece na mente humana desde a sua infância, devido ao funcionamento dos componentes parciais da pulsão sexual, e, por conta disso, afirma que a sexualidade da criança é necessariamente perversa. Porém, ao longo dos anos, esse indivíduo vai organizando essas pulsões sexuais e deixando esses componentes parciais de lado, chegando à totalidade das pulsões. Entretanto, essa organização pode não ocorrer, fazendo com que essas manifestações continuem presentes na vida adulta, o que resulta em uma tendência perversa. Isso explica o desejo e o anseio de Humbert por Lolita, desejo este que teve início em sua infância, com Annabel.

Mas o pequeno bosque de mimosas, o manto das estrelas, o frêmito, a chama, a doce seiva e a dor ficaram comigo, e aquela menininha de pernas bronzeadas e língua ardente desde então me perseguiu – até que, por fim, vinte e quatro anos depois, quebrei seu feitiço encarnando-a em outra. (Nabokov, Lolita, 2003 pg. 17).

Lolita, apesar de ter sido a criança com a qual H.H se envolveu, não fora a única criança que Humbert Humbert desejou. Em várias passagens da obra de Nabokov, H.H descrevia e visualizava de forma altamente hiperssexualizada as crianças com as quais tinha contato, apesar de, como ele mesmo se defende, possuir um respeito pelas crianças comuns, assumindo que jamais seria capaz de atentar contra a inocência de uma criança, se – trazendo aqui a moral anteriormente tratada por Freud – isso envolvesse o menor risco de encrenca para ele:

Pulando corda, brincando de amarelinha. Aquela velha vestida de preto que se sentou no meu banco, no meu instrumento de tortura e de prazer (uma ninfeta estava tateando debaixo de minhas pernas em busca de uma bola de gude perdida), e perguntou - bruxa insolente - se eu estava sentindo cólicas. Ah, deixem-me em paz na minha pracinha pubescente, no meu jardim de macios musgos. Que elas brinquem a meu redor para sempre. Que não cresçam nunca! (Nabokov, Lolita, 2003 pg. 22).

Vemos aqui que, apesar de Humbert ser um homem bem afeiçoado, como ele mesmo se descreve, a sua fixação era mesmo por crianças ou, como ele mesmo as chama, ninfetas. Ou seja, a perversão de H.H não se manifesta por impotência ou incapacidade de seduzir mulheres, mas pelo desejo insaciado de possuir suas tão desejadas ninfetas. Entretanto, Humbert assume que seus problemas quanto á vida sexual se devem a uma frustração na infância acrescentando, ainda, que isso não possuiu ligação nenhuma com sua relação familiar. No início da obra, Humbert diz ser órfão desde os três anos mas que não possui nenhum tipo de recordação desprezível de seus pais, eliminando, assim, que suas perversões sejam retratos de abusos. Sobre a sua mãe, H.H a descreve somente como uma mulher fotogênica, quanto ao seu pai, atribui mais qualidades:

Ele, mon cher petit papa, levava-me a passear de bote e de bicicleta, ensinava-me a nadar, mergulhar e andar de esqui aquático, lia-me Dom Quixote e Os Miseráveis, e eu adorava-o, respeitava-o e sentia-me alegre por ele, sempre que ouvia a criadagem comentar as suas várias amizades femininas, criaturas belas e bondosas que se interessavam muito por mim, arrulhavam e derramavam lágrimas preciosas ante a minha alegre orfandade. (Nabokov, Lolita, 2003 pg. 09).

No entanto, devemos levar em conta que H. H. ficou órfão muito cedo, e igualmente que ele é um narrador não confiável. A origem de sua perversão pode ser localizada no que ele expõe e que habita sua consciência, a perda de Annabel, mas pode também ter outras causas que ele não franqueia ao leitor.

### **3.2 A transgressão de Georges Bataille.**

Hoje nós sabemos: Bataille é um dos mais importantes escritores do nosso século, a ele devemos em grande parte o momento onde estamos; mas tudo o que falta fazer, pensar e dizer, isso também lhe devemos e ainda o faremos durante um longo tempo. (Michel Foucault (1926-1984)

Essencialmente, o território do erotismo é o território da violência, o território da violação; (BATAILLE, 1957, p. 23).

Transgressão é um termo relativamente estigmatizado e, por vezes, confundido pela ótica psicanalítica de modo a ser relacionado diretamente à perversão. A transgressão nada mais é que a liberdade, a infração, o ir além, o transbordar. Na geologia, a transgressão é quando o movimento do mar transborda no continente levando tudo o que encontra com ele. É um movimento de ultrapassagem de limites. Para Bataille, a transgressão representa o imprevisto, a possibilidade de sair da margem, do limite e do cálculo. Porém, toda essa desordem causada pela transgressão, é pautada, mesmo que paradoxalmente, na lei, a ponto de, por vezes, esses termos chegarem a se confundir. Segundo Bataille, o desejo é implantado pelo erotismo, e esse é, naturalmente, transgressor e inevitavelmente excessivo. Esse excesso é descomedido, fora da lei, fazendo com que o avançar em direção à plenitude sexual total seja um movimento em direção, também, à total perda de si. Ou seja, esse gozo, essa vontade de ir além, esse excesso, essa ultrapassagem, tudo isso, é visto como transgressão.

Nesse âmbito, vemos a transgressão em variadas etapas da obra de Nabokov. Não somente sendo encontrada nos atos de Humbert Humbert, como também, na desesperada e excessiva vontade de Clare Quilty, um dramaturgo por quem Lolita fora apaixonada, pela menina. Apesar de Nabokov dar mais detalhes da relação de H.H e Lolita, o que se explica pois Humbert é o narrador da história, não deve-se esquecer que a menina, também, foi abusada por outro adulto: Quilty. Quilty ultrapassou todos os limites para encontrar e perseguir Lolita. Foi transgressor a ponto de sequestrar a criança e leva-la para ser usada como atriz de seus filmes pornográficos. Por conta disso, ao final, Quilty é assassinado por H.H. Esse desfecho retrata bem o que Bataille diz quando explica a transgressão: O erotismo é a experiência de um desejo ilimitado que pode ir até a morte, seja do outro ou de si mesmo. (BATAILLE, 1966, p.119).

Outro exemplo de transgressão é o incesto. O complexo de Édipo, definido por Freud, caracteriza o amor carnal entre mãe e filho. Neste contexto, podemos utilizar Bataille para exemplificarmos mais sobre esse complexo que também indica uma perversão. Em *Ma mère*, de Georges Bataille, uma mulher se apaixona por seu filho e por ver que esse amor é repreendido pela sociedade e pela moral humana,

comete suicídio. Vê-se claramente o incesto sendo efetivado. Apesar de Humbert não ser, geneticamente, pai de Lolita, após casar-se com Haze, mãe da menina, e após a morte desta, H.H é legalmente o responsável pela criança. Assim, podemos entender que H.H cometeu incesto, ou seja, houve a transgressão nessa outra etapa do livro, afinal, vê-se claramente a ultrapassagem dos limites éticos e morais.

Outra transgressão tratada na obra foi o casamento de Humbert com Haze. O desejo de H.H por Lolita era tão excessivo e perturbador que Humbert Humbert ultrapassou os limites morais do matrimônio para não perder sua amada de vista:

Imaginei (agora com perfeita visibilidade) todas as carícias fortuitas com que o marido de sua mãe poderia generosamente presentear a filhinha. Poderia abraça-la três vezes ao dia, todos os dias. Meus males se dissipariam, eu seria um homem saudável. (Nabokov, Lolita, 2003 pg. 72).

Para Bataille, existem duas forças na natureza. A primeira tende ao individual; essa força demonstra a vontade de sobrevivência do indivíduo. A segunda força tende à fusão do indivíduo com outrem. Essa, demonstra a decomposição desse ser, ou seja, a sua morte. Essa segunda força é a violência. Aqui, é importante salientar que a violência não é somente a física, mas também a psicológica. No erotismo, as duas forças são operantes. Ou seja, o indivíduo almeja permanecer ele mesmo, porém, deseja, em um mesmo momento, fundir-se com o outro. Contudo, essa fusão é encarada como destruição, violência e morte. Assim, o erotismo é, sempre, transgressor.

No que se diz respeito a Humbert Humbert, o personagem possui um certo receio no que tange a transgredir a lei, porém, quando seus desejos são colocados em xeque, são seus impulsos que agem e tornam-se maiores que qualquer moral.

Vale lembrar que Humbert não é um personagem que se entrega facilmente à transgressão. H.H é um sujeito preso em seus próprios delírios e desejos, e essa prisão oferece uma imagem de seu conflito e do seu fantasma interior – a perversão. Nessa prisão, o indivíduo está totalmente paralisado, confinado. Nessa prisão, o personagem está totalmente entregue para ser manipulado, de corpo e alma, por essa perversão e transgressão.

A obra *Lolita* é completamente escrita sob dualidades. Uma, que já foi abordada, os conflitos entre presente e passado, e outra, a perversão. Nabokov coloca que Humbert era tão perverso como só um ingênuo poderia ser. E, de fato, Humbert cambia entre a figura do vilão e do mocinho da história. Ele não se articula de modo a dar a entender que seus atos são, de fato, perversos. Muito pelo contrário, ao mesmo tempo que age, demonstra dor e sofrimento nos seus atos. Ou seja, aqui a dualidade o faz transitar entre o herói e o vilão. Outro contraste é a forma como ele se mostra como homem formado, esbelto, sábio, bem articulado, porém, com um estado primitivo de inocência que ele mesmo demonstra ao ser prisioneiro do seu passado e da sua infância, quando não consegue se desprender das lembranças e da saudade de Annabel. Nesse quesito, vê-se a dualidade da transição entre o homem que comanda e a criança que se permite ser manipulada.

Preocupa-me a dor de cabeça diária no ar opaco dessa prisão tumular, mas tenho de perseverar. Escrevi mais de cem páginas e não cheguei ainda a lugar nenhum. As datas se confundem em minha memória. Isso deve ter acontecido por volta de 15 de agosto de 1947. Acho que não posso continuar. Coração, cabeça... tudo. Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita. Tipógrafo repita, por favor, até preencher toda página. (Nabokov, 1994b, p. 125).

### 3.3 A perversão de Nabokov: *Speak memory* e *Lolita*

Estou escrevendo dois textos agora: 1. um pequeno romance sobre um homem que gostava de meninas – que vai se chamar *The kingdom by the shore* –, e 2. um novo tipo de autobiografia – um esforço científico de desenredar e reorganizar os fios emaranhados de uma personalidade – cujo possível título é *The person in question*. (Nabokov, 1999, p. IX).

Essa foi uma pequena parte da carta escrita por Nabokov, no ano de 1947, a um amigo. Nessa carta, Nabokov confia a escrita de seus, hoje, mais famosos escritos – *Lolita* e *Speak, memory*.

As obras de Nabokov têm muito em comum. Muito além da estilística, ambas possuem uma conversação e uma dualidade entre presente e passado. A busca pela infância também é vista nas duas obras. Na autobiografia, Nabokov, no capítulo

12, subtulado como Tamara, narra a sua primeira experiência amorosa com Valentina. Já em *Lolita*, Humbert também faz uma retrospectiva do seu passado buscando a doce e adorável Annabel de dentro de suas memórias. Nabokov, em *Speak, memory*, traz a ideia da nostalgia relacionada à troca de cartas entre os personagens. Em *Lolita*, a nostalgia também é tratada na obra, decorrente da morte de Annabel. Importante observar que as experiências descritas não são recorrentes apenas na autobiografia de Nabokov, afinal, Humbert também faz uso das lembranças do autor para dar seguimento à história.

Outra relação encontrada nas obras é a atração do personagem Humbert por ninfetas e o episódio de Nabokov descrito no sétimo capítulo de sua autobiografia. Em uma viagem, Nabokov conhece uma menina chamada Colette. Nabokov, nesse capítulo, apesar da opacidade de informações, descreve, minuciosamente, o seu encontro com Colette – podemos supor que, talvez, essa seja a menina primordial de Nabokov. Já em *Lolita*, Nabokov também descreve de forma minuciosa as lembranças de H.H com sua menina primordial Annabel.

São algumas as semelhanças entre as duas obras, porém, o que mais há em comum entre ambas, é o jogo entre passado e futuro e o cambio que há entre os personagens adultos e crianças. Essa dualidade aproxima a infância e o sexo fazendo com que a sensualidade seja mesclada com as memórias por meio de um jogo de linguagem.

A ruptura em meu destino me propicia, em retrospecto, um prazer sincopado que eu não trocaria por nada desse mundo. Desde aquela troca de cartas com Tamara, a saudade é, para mim, uma atividade sensual e particular. (Nabokov, 1999b, p. 195)

O confinamento e a prisão também são assuntos encontrados em ambas as obras. Quanto ao confinamento de Humbert, Nabokov, em sua autobiografia, declara que a ideia surgiu quando ele estava acamado. A prisão em que ele inseriu H.H foi uma prisão ficcional, porém, mais perturbadora que qualquer prisão física, que é a prisão às memórias e ao passado e, também, a prisão da perversão. Porém, seu próprio confinamento, descrito em *Speak, memory*, era uma prisão física, a cama.

Senti a primeira palpitação de *Lolita* em Paris, em fins de 1939 ou começo de 1940, quando estava acamado com uma séria crise de nevralgia intercostal. Tanto quanto me recordo, o frêmito inicial de inspiração foi de alguma forma provocado por certo artigo de imprensa sobre um macaco no Jardin des Plantes, o qual, após ser persuadido durante meses por um cientista, enfim produziu o primeiro desenho feito por um animal: nele só apareciam as grades da jaula da pobre criatura. Esse impulso não tinha nenhuma conexão textual com a linha de pensamento por ele suscitada, da qual resultou, entretanto, o protótipo de *Lolita*. (Nabokov, 1994b, p. 349).

Infância, linguagem, lembranças, nostalgia, sexo – não são díspares as estruturas e como os textos se desenvolvem. São até possivelmente associáveis, mesmo que naturalmente distantes, a vida de Humbert e as memórias autobiográficas de Vladimir. A linguagem opaca e criptografada marca a escrita de Nabokov, o modo como o passado se associa com o sexo trazendo uma dualidade entre infância e libido, e, por último, mas não menos importante, o modo como Nabokov delimita sua forma de trabalho numa base temporal são apenas algumas nuances encontradas em convergência nas obras. Fato é, Nabokov é um artista que consegue trabalhar com o poético e o erótico e, mesmo que arduamente, direcionar o leitor no caminho que ele quer que persigamos, montando assim, desde a gênese de cada obra, uma nova ótica.

#### **4. O julgamento de Humbert e a bandeira levantada em prol do feminismo**

Humbert foi um vilão em potencial, não há como negar. Conhecido por sua perversão, ou pelo seu doentio amor, H.H transgrediu não somente no âmbito de seus desejos, como também, a lei, em diversas partes da obra. Como bem sabemos, Humbert Humbert não viveu para ser julgado, afinal, poucos dias antes da data marcada para o início do seu julgamento, H.H morreu na prisão vitimado por uma trombose das coronárias. São muitas as críticas quanto ao final do livro, afinal, o desejo de vingança e de pagamento de dívidas são interesses naturais do leitor que participa de uma trama tão perturbadora e envolvente, mostrando assuntos mundialmente discutidos com temas que se fazem presentes no mundo atual. Porém, visualizando de uma forma mais minuciosa, avalio que não há pena maior que a vivida por H.H. já que, por toda sua vida, esteve preso em uma prisão, não

física, mas mental: a prisão do passado e da perversão. Podemos, aqui, tratar de um dos jogos de linguagem para exemplificar essa prisão: o próprio nome de Humbert Humbert. Nabokov, aqui, mostra, na repetição dos nomes, o homem e a sua própria sombra, ou seja, um homem que não consegue se desgarrar da sua perversão, assim como alguém não consegue se desprender de sua sombra, isto é, um personagem que é a um só tempo o homem e sua sombra. Essa é uma das dualidades existentes na obra, porém, não a única, como podemos observar a dualidade de idiomas, ora utilizando-se do inglês, ora buscando o russo para uma maior dramatização e realidade latente – do autor – no enredo. Contudo, apesar da obra estar envolta do questionamento entre motivações amorosas ou perversas, a obra de Nabokov vai muito além. Nabokov – e Humbert – não usam somente da perversão para transgredir a lei, afinal, se o julgamento de H.H fosse consumado, ele teria, também, que responder por: agressão, homicídio, sequestro, pedofilia e incesto. São muitos os crimes de Humbert, porém, todos eles, envoltos em um: A pedofilia.

Lolita, luz de minha vida, fogo de meu lombo. Meu pecado, minha alma. Lolita: a ponta da língua fazendo uma viagem de três passos pelo céu da boca, a fim de bater de leve, no terceiro, de encontro aos dentes. LO. LI. TA. (Nabokov, Lolita, 2003 pg. 11).

O casamento e envolvimento sexual entre homens e crianças, há algumas décadas atrás, em nosso país, era comum e aceitável. Nos dias atuais, felizmente, essa prática tornou-se obsoleta devido a uma gama de discussões que visam à integridade física e moral da criança e do adolescente. Contudo, é inegável que, mesmo com toda a modernidade, ainda há incontestáveis abusos seguidos de impunidade, e mesmo casos de casamentos com meninas ainda na adolescência.

Para os que defendem o amor de H.H, é proveitoso analisarmos as singularidades e peculiaridades do personagem, peculiaridades essas que as pessoas que defendem seus atos argumentando serem atos de amor, consideram irrelevantes no julgamento da conduta de Humbert. Perturbado, H.H já encarava o corpo juvenil com desejo quando a conheceu. Lolita era uma criança de apenas 12 anos. A sensualidade que H.H visualizava era uma distorção imagética do seu

subconsciente perverso e doentio. Lolita, no máximo, possuía apenas uma curiosidade sexual natural e altamente compreensível da chegada da puberdade. É ainda compreensível que esse comportamento sedutor de Lolita seja derivado de uma tentativa de imitação de trejeitos maternos. Afinal, o primeiro espelho e inspiração de uma garota é a figura da mãe. O relacionamento de Lolita com a mãe Haze não é, nem de longe, amigável, o que deve à competitividade típica dessa idade. Nos termos dessa competição, Lolita deseja provar que tem as mesmas qualidades que a mãe, e ainda melhores.

Assim como é fácil acreditar nos relatos de H.H quanto às investidas de Lolita, é, igualmente fácil, encontrar falhas nesses argumentos. Contudo, mesmo que Humbert seja honesto quanto à veracidade dos acontecimentos, seria moralmente correto que ele, independente de qualquer motivação, respondesse – e pagasse – pelos seus crimes.

#### **4.1 Lolita e o empoderamento feminino.**

*A mulher é uma substância tal, que, por mais que a estudes, sempre encontrarás nela alguma coisa totalmente nova. (Leon Tolstói).*

Por volta de 1880, primeiramente na Inglaterra e nos Estados Unidos, surge o feminismo, que tem como objetivo principal – e primário – a conquista dos direitos políticos das mulheres. Nesse período, a literatura foi marcada por uma fase de muitos protestos feministas que objetivavam o fim dos valores patriarcais da época. As autoras começaram a questionar sobre o monopólio masculino na literatura, as restrições impostas às mulheres e as dificuldades que elas enfrentavam como escritoras, que, por muito tempo, precisaram esconder sua identidade pelo preconceito sofrido, afinal, àquela época, somente homens escreviam. São muitas as personagens marcantes pela luta pelo feminismo e pela igualdade de gêneros, como: Anna Karenina, Marcela (Memórias Póstumas de Brás Cubas), Carlota (Os Sofrimentos do Jovem Werther), Sônia (Crime e Castigo), e no sec. XX, Lolita e Emma Zunz, entre outras.

Com a revolução tecnológica, industrial, liberação de costumes, publicidade, não demoraria muito para que discussão sobre a sexualidade de crianças e adolescentes chegasse ao ápice, como já previa Freud, afinal, essa questão sempre esteve presente no tecido da sociedade. Lolita foi uma grande personagem na luta, não somente dos direitos feministas, mas na luta contra o assédio sexual de crianças e adolescentes. Lolita tornou-se um símbolo da revolução de costumes. No entanto, mesmo a crítica mais respeitada continua encarando o romance como uma narrativa onde a grande vítima é o pedófilo. Podemos citar Vargas Lhosa<sup>5</sup>:

A ninfeta não nasceu com o personagem de Nabokov. (...) No entanto, graças ao romance, perdeu seu semblante vago e se personificou, abandonou sua clandestinidade nervosa e ganhou direito de cidadania”. E complementa: “Humbert Humbert não é libertino nem sensual: é apenas obcecado. Sua história é escandalosa, antes de tudo, porque ele a sente e a apresenta assim, sublinhando, a cada passo, sua ‘demência’ e sua ‘monstruosidade’. É a consciência transgressora do protagonista que confere à sua aventura a índole malsã e moralmente inaceitável, mais que a idade da sua vítima (doze anos e sete meses), que, no final das contas, é apenas um ano mais jovem que a Julieta de Shakespeare.

Por conta de todo o patriarcalismo enraizado na sociedade, da ideia de observar a mulher como sexo frágil e totalmente dependente da figura masculina, encontramos-nos em uma cultura sexista que observa a mulher como objeto de desejo e prazeres, assim como aconteceu com Lolita. Essa ideia está diretamente ligada à erotização e a hiperssexualização do corpo feminino, criando, assim, uma cultura observada nos dias atuais: a cultura do estupro.

Lolita tornou-se tão símbolo mundial, que o seu nome foi dado para se referir a alguns mitos sobre sexualidade que circulam na nossa cultura. O “ Efeito Lolita ” é o nome que se dá às manifestações midiáticas que ocorrem quando crianças e adolescentes são vítimas de algum abuso sexual e, ao invés de o evento ser encarado como consequência da cultura do estupro, é visto como uma questão comportamental a ser mudada. Ou seja, a mídia e a cultura patriarcal empurram na

---

<sup>5</sup> A Verdade das Mentiras” (Editora Arx)

direção da vítima o motivo da agressão, assim como é visto na obra de Nabokov, onde Lolita, a vítima, é vista como a aliciadora e sedutora e Humbert, o perverso, é visto como alguém que foi tomado por toda a sedução de Dolores.

Analisando as fases da literatura feminina, desde os primórdios, é importante nos questionarmos sobre o rumo da literatura atual. Mesmo com todo o progresso, seria errôneo falar que a literatura, hoje, atua em um cenário igualitário. Porém, mesmo que, ainda, não existe essa igualdade, podemos observar, na literatura contemporânea, a ascensão dos personagens femininos e o nível de importância destes. É cada vez mais comum uma personagem feminina ter um papel de protagonista, principalmente nos *best sellers*. Esse campo que presenciamos, para quem antes foram minorias, hoje, é uma grande conquista. A representatividade e a igualdade devem ser vistas em todos os âmbitos, principalmente na literatura, onde encontrávamos um cenário que, antes, era totalmente impróprio para as mulheres e, hoje, vem tornando-se cada vez mais igualitário graças às mulheres que não cessaram e que lutaram até o fim pelos seus direitos. Lolita foi uma delas. Lolita não foi alguém real, mas ela vive no subconsciente da sociedade, personificadas em muitas garotas, mostrando o preconceito, o machismo e a desigualdade de gênero ainda existente, porém, que está caminhando a passos largos para se tornar um mundo sem mais Dolores, Lo, Lola, Dolly ... sem mais Lolitas.

Pela manhã ela era Lô, não mais que Lô, com seu metro e quarenta e sete de altura e calçando uma única meia soquete. Era Lola ao vestir os jeans desbotados. Era Dolly na escola. Era Dolores sobre a linha pontilhada. Mas em meus braços sempre foi Lolita. (Nabokov, Lolita, pg 11. )

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora Lolita, de Vladimir Nabokov, tenha se tornado mundialmente conhecida por colocar em evidência assuntos antes não trabalhados, é notório que a obra é dotada de uma complexidade muito maior que somente a própria narrativa do enredo. Nabokov criou um roteiro envolvente, erótico e perturbador, por conta disso,

é, merecidamente, reconhecido. A obra é constituída através de paradoxos: amor e perversão, presente e passado, bem e mal, maturidade e infância.

No que se diz respeito à perversão, é um tema que proporciona uma diversidade de discussões, que são passadas desde a ética moral até a psicanálise. Compreendendo a complexidade de trabalhar tal tema, entende-se como é difícil analisar a obra sob esse prisma. Assim, através do aporte teórico utilizado, buscamos, através deles, tentar compreender um pouco mais sobre as motivações de Humbert, a partir da consciência moral de Freud e da transgressão segundo Bataille.

Analisar a obra e suas versões cinematográficas também é trabalho árduo. Afinal, mesmo que uma obra tenha como base a outra, jamais teremos o mesmo tipo de recepção. Por conta disso, trabalhar a estética da recepção nas 3 obras foi de grande valia pois podemos perceber como a estética da recepção de determinado tipo de obra é referente ao modelo de roteiro utilizado e, com toda a certeza, referente ao tempo e às visões do receptor.

Quanto à pedofilia, compreende-se que é um assunto bastante preocupante e ainda latente na sociedade atual, sendo assim, impossível uma análise unilateral, afinal, ainda vivemos em uma sociedade machista, sexista e preconceituosa. Porém, ainda sim, é importante trabalharmos esse assunto, pois a literatura, assim como todo tipo de cultura, tem como dever o comprometimento social para uma sociedade mais igualitária. Na literatura, é quase impossível trabalhar a pedofilia sem lembrar de Lolita, afinal, apesar de não ser uma narrativa de fatos reais, é uma obra que, infelizmente, se faz presente no cenário atual. Devemos lutar para que haja menos Lolitas e para que a caminhada para o progresso aconteça a passos largos.

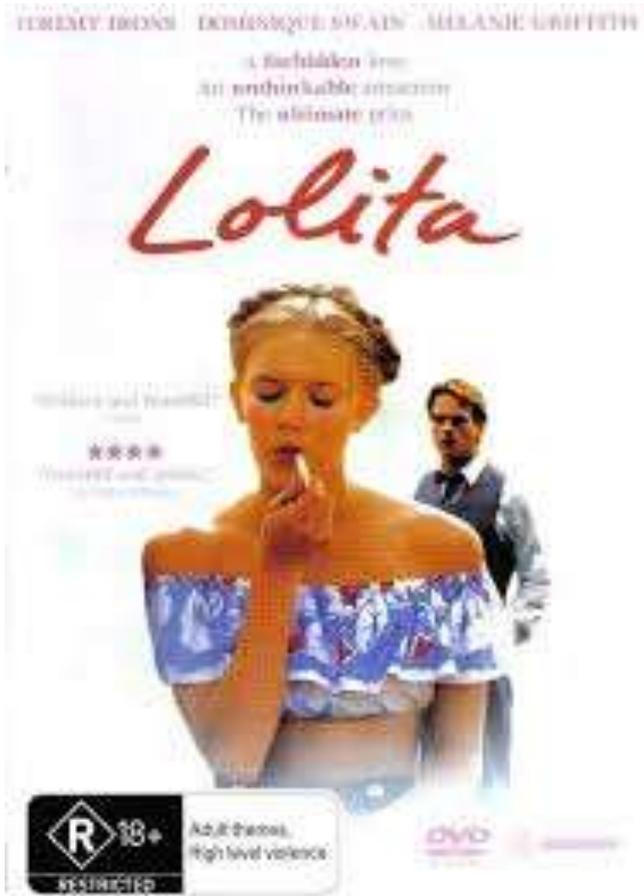
No que se diz respeito à objetificação/ hiperssexualização da mulher, a obra vai ainda mais fundo, utilizando-se de um tema polêmico relacionado a outro: objetificação de um corpo infantil. Todos esses temas se devem à cultura patriarcal machista e opressora. A obra é uma obra completa, afinal, conseguimos trabalhar todos os temas atuais decorrentes em uma única narrativa. Conseguimos ver como a obra foi recebida no ano de sua publicação e como a obra é vista nos dias atuais,

sob o impacto do crescimento das ideias feministas e, com isso, conseguimos observar como a questão do gênero vêm se expandido e tornando a sociedade cada vez mais igualitária partindo, claro, da ajuda de grandes figuras e personagens femininas, e, hoje, acabamos de conhecer uma dessas personalidades na luta contra essa sociedade sexista: Lolita.

6.









STANLEY KUBRICKS

*Lolita*

## 7. BIBLIOGRAFIA

### CORPUS

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**; tradução Jorio Dauster.- Rio de Janeiro: O Globo ; São Paulo : Folha de S.Paulo, 2003.

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. The Olympia Press. Paris. 1955.

### OBRAS DE APOIO

NABOKOV, Vladimir. **Speak, memory**. Reino Unido; 1951.

BERARDINELLI, James (1999-01-29). «*Lolita (1997): A Film Review by James Berardinelli*». ReelViews [S.l.: s.n.]

Television Review: Revisiting a Dangerous Obsession». *The New York Times* [S.l.: s.n.] 1998-07-31.

Television Review: Revisiting a Dangerous Obsession». *The New York Times* [S.l.: s.n.] 1998-07-31.

### DISSERTAÇÃO CONSULTADA

MORAIS, Eliane Robert. **A ingenuidade de um perverso: Linguagem e erotismo em Nabokov**; São Paulo, 30 (45), 115-119, dezembro 2007.

TAVARES, Renata Corbetta. **Naborov e kubric: o acomodamento dos**

**Narradores de Lolita em diferentes mídias**; São Paulo, Revista Científica Ciência em Curso –R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 4., np.. 121-31, jan./jun.2015.

GOLDMAN, Eric. **Knowing Lolita: Sexual Deviance and normality in Nabokov's Lolita**. Connecticut; 2004. 87-104.

### SITES CONSULTADOS

HOMOLITERATUS. **Personagens femininas-inesquecíveis na literatura**. Disponível em:<<http://homoliteratus.com/personagens-femininas-inesqueciveis-na-literatura/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2016.

LITERATORTURA. **A influência do feminismo na literatura**. Disponível em: <<http://literatortura.com/2015/08/literatura-delas-a-influencia-do-feminismo-na-literatura/>> Acesso em: 23 de novembro de 2016

REVISTA GALILEU. **Lolita do romance e vitima do abuso do seu padrasto**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/lolita-do-romance-e-vitima-do-abuso-cometido-por-seu-padrasto.html>> Acesso em: 04 de agosto de 2016

UFRGS PSICOPATOLOGIA. **Lolita, um romance sobre a perversão**. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Lolita\\_um\\_romance\\_sobre\\_a\\_pervers%C3%A3o%3F](https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Lolita_um_romance_sobre_a_pervers%C3%A3o%3F)> Acesso em: 08 de setembro de 2016.

UFRGS PSICOPATOLOGIA. **Perversão sob a ótica de Lolita**. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Pervers%C3%A3o\\_sob\\_a\\_%C3%B3ptica\\_de\\_%E2%80%9CLolita%E2%80%9D](https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Pervers%C3%A3o_sob_a_%C3%B3ptica_de_%E2%80%9CLolita%E2%80%9D)>. Acesso em: 16 de outubro de 2016.

UFRGS PSICOPATOLOGIA. **Lolita.** Disponível em:  
<[https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Lolita \(1962 e 1997\)](https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Lolita_(1962_e_1997))>.

Acesso em: 09 de novembro de 2016.

REVISTA BULA. **Face oculta de Lolita.** Disponível em:  
<<http://www.revistabula.com/1605-face-oculta-de-lolita/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2016.

JORNADA ONLINE. **Um paralelo entre os estudos das perversões.** Disponível em:  
<<http://jornadaonline.blogspot.com.br/2009/10/uma-paralelo-entre-o-estudo-das.html>>. Acesso em: 07 outubro de 2016.

EDUCAÇÃO UOL. **A mente segundo a teoria de Sigmund Freud.** Disponível em:  
<<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/psicanalise-a-mente-segundo-a-teoria-de-sigmund-freud.htm>>. Acesso em 09 de novembro de 2016.

LIVIA DE BARTOLOMEO. **Lolita ganha vida na adaptação de Kubrick.** Disponível em:  
<<https://liviadibartolomeo.wordpress.com/2010/02/17/lolita-ganha-vida-na-adaptacao-de-stanley-kubrick/>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

CADERNOS NIETZSCHE. Consciência moral em Nietzsche. Disponível em:  
<<http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/home/item/184-sobre-a-g%C3%AAAnese-da-consci%C3%AAAncia-moral-em-nietzsche-e-freud>>. Acesso em: 01 de agosto de 2016.

JORNAL OPÇÃO. **Nabokov rejeitou parte da adaptação de Kubrick para Lolita.** Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/nabokov-rejeitou-parte-da-adaptacao-de-kubrick-para-lolita>>. Acesso em 13 de setembro de 2016.